

Eleitores de esquerda e de direita: uma distinção ideológica plausível?.

De Souza Telles Helcimara y TIAGO STORNI.

Cita:

De Souza Telles Helcimara y TIAGO STORNI (2010). *Eleitores de esquerda e de direita: uma distinção ideológica plausível?.* V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-036/653>



DESVIOS E SIMILITUDES: IDEOLOGIAS, ATITUDES E DECISÃO DE VOTO EM ELEITORES DE DIREITA E DE ESQUERDA*

HELCEMARA DE SOUZA TELLES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

✉ MARA-TELLES@UOL.COM.BR

TIAGO PRATA LOPES STORNI

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL CEDEPLAR/UFMG

✉ TIAGOPRATA@CEDEPLAR.UFMG.BR

RESUMO: O artigo se propõe a examinar os conteúdos presentes em grupos de eleitores, classificados por seu posicionamento semelhante no contínuo da escala de esquerda-direita. A hipótese é a de que o uso desta escala possui pouca capacidade para explicar a agregação dos eleitores em termos de ideologia, seja esta tratada em seu sentido mais restrito - como imagens vagas e difusas-, seja como significado de um conjunto estruturado de idéias e valores coerentes. Neste sentido, a auto-localização do eleitor nesta escala em posições de direita, centro ou esquerda, tende mais a ser indicador de uma lógica da divisão da política em termos gerais de situação e oposição, do que reflexo de opiniões semelhantes perante temas políticos e valores, que produziriam comportamentos ideologicamente orientados. Analisando pesquisas qualitativas e *surveys* realizados na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), encontrou-se que a variável de auto-localização é mais um indicador de avaliação dos governantes e de confiança institucional do que de fatores ideológicos que expressem conservadorismo político ou liberalismo econômico. Assim, é preferível que o estudo do impacto da ideologia na decisão do voto conte com índices que agreguem, quando possível, variáveis de cunho ideológico claro e direto.

Palavras-chave: eleições; comportamento eleitoral; ideologia; voto.

* Este artigo é um dos produtos da pesquisa “*Opinião Pública: Partidos Políticos e Comportamento Eleitoral*”, financiada com recursos do Edital Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

I. A IDEOLOGIA E A ESCALA ESQUERDA-DIREITA

A decisão de voto é um fenômeno complexo e pode responder a causas múltiplas. Uma explicação fundamental, tratada por vasta literatura é a ideologia. Em “The People Choice’s” (1964) Lazarsfeld, Berelson e Gaudet interpretam o voto essencialmente como uma experiência de grupo. Os grupos possuem força sobre os indivíduos porque as pessoas que vivem juntas e em mesmas condições externas teriam inclinação a desenvolver similares necessidades, interesses, experiências, visões e interpretações de mundo. As pessoas votam não apenas com o seu grupo social, mas pelo seu grupo. Nesta acepção, a decisão de voto é uma experiência social e depende da ideologia predominante no grupo. As características como o status socioeconômico e as experiências compartilhadas possibilitam a criação de um índice de predisposição política (IPP). A tendência a seguir tais predisposições é acentuada no decorrer da campanha política, quando os grupos sociais imbuem os membros individuais com a ideologia política aceita pelo grupo.

Ainda no interior das explicações sociológicas, Seymour Lipset (1967) evidencia que são os fatores estruturais que determinam as escolhas partidárias. Os partidos expressariam conflitos baseados nas classes inferiores e médias, por isso, eles são uma ‘tradução democrática da luta de classes’ (op.cit, p. 231). Assim, a lógica do sistema partidário é condicionada pelo alinhamento da direita para a esquerda. A posição de classe penetra o voto, com tendência a que os grupos de baixa renda se decidam pelos partidos de esquerda e os de renda superior, pela direita. A explicação para este comportamento seria o interesse econômico, pois a esquerda se apresenta como um meio para as mudanças sociais e igualdade, maximizando ganhos econômicos aos setores de mais baixa renda; os de renda mais elevada se contrapõem a esta lógica, pois teriam seus benefícios reduzidos. Deste modo, o voto na esquerda responde a uma necessidade dos grupos mais pobres, tais como segurança de renda, de trabalho satisfatório e de status e reconhecimento social.

Mas, como explicar, empregando as indicações do modelo sociológico, que indivíduos pertencentes ao mesmo grupo votem de maneira diferente e prefiram partidos ideologicamente mais conservadores ou alinhados à direita? A resposta da teoria comportamental é a de que as atitudes, as percepções e as crenças individuais sobre a política são fatores que poderiam determinar as preferências e decisões dos indivíduos. A ideologia emerge como um conjunto estruturado e coerente de valores.

Contudo, na maior parte do eleitorado, a ideologia não se encontra presente. Estas conclusões foram reforçadas pelo *Survey Research Center*, que solicitou aos entrevistados que

dissertassem sobre a seguinte questão: *existe algo de particular que lhe agrade (desagrade) nos republicanos (Democratas) e em Eisenhower (Stevenson)?*. As respostas deram origem a quatro categorias distintas: ideologia (15,5%); benefícios grupais (45%); natureza dos tempos (23%) e nenhuma das questões em jogo (17,5%), donde se concluiu que

“a maioria dos americanos concebe a política como sendo elaborada por partidos e candidatos que até certo ponto podem beneficiar ou prejudicar grupos sociais e econômicos particulares e produzir algum efeito sobre a bondade ou maldade geral dos tempos que correm. Menos de um quinto do total conceituam a política em termos ‘ideológicos’ gerais”. (Bone e Ranney, 1966:27)

Equivalente a um sistema de crença, a ideologia depende de uma sofisticação que não seria encontrada nas camadas mais baixas, pois nelas prevalecem as perspectivas de curto prazo e a disposição a um pensamento do tipo concreto. Além disso, a essência da identificação com partidos não estaria relacionada necessariamente com conteúdos ideológicos (Philip Converse, 1964). Contudo, as articulações comportamento eleitoral e ideologia, conforme apresentadas pela abordagem psicológica, foram reexaminadas por Sartori (1982). Ao contrário de tratá-la como um sistema fortemente articulado e coerente, a entende em sentido mais fraco, como “voto por imagem”. Por isso, não haveria necessidade de alta sofisticação para que o eleitor viesse a aderir a uma ideologia.

Diferentemente, na teoria econômica do voto, a ideologia é tratada como elemento chave para o comportamento eleitoral, estando relacionada à promoção da identificação partidária. Através de outro parâmetro, a escolha racional - que teve Anthony Downs (1957) como principal referência-, procurou formalizar os mecanismos de atuação da ideologia por meio de uma teoria espacial, elaborada a partir de estudos de duopólio advindos da economia. Na escolha racional, a repartição dos eleitores na escala político-ideológica de direita e esquerda seria crucial para decisão de voto e para a emergência e estratégias dos partidos.

Para Downs, a ideologia funciona como um atalho cognitivo. Ao recorrer à ideologia – elemento diferenciador entre os partidos-, o eleitor pode economizar o custo de estar constantemente informado sobre uma série de questões complexas. Mas, para que a ideologia seja um atalho racional, ela deve ser um indicador bastante preciso das probabilidades das ações do partido, no futuro. Por isso, há algumas condições para que a ideologia possa ser um elemento considerado no cálculo do votante. Deve-se supor a existência de um vínculo entre as propostas apresentadas pelos partidos na campanha eleitoral e os resultados que eles produzirão ao governar ou atuar no legislativo. Esta

conexão reduz as incertezas e baliza o cálculo do eleitor, além de manter a confiança nestas organizações, que devem agir com responsabilidade.

A dificuldade em relação ao tema da ideologia tem sido destacada em diversos trabalhos. Para a ideologia funcionar como determinante do voto, deve-se contar com a presença de eleitores ideologicamente orientados e, ademais, ela necessita ser enunciada por partidos, em seus programas e em suas campanhas. Contudo, em muitos países democráticos, pode ser observada a tendência ao declínio da participação em organizações partidárias (Mainwaring, 1999; Dalton, 2000; Dalton, McAllister e Wattenberg, 2000). Os sistemas político latino-americanos são em geral avaliados negativamente e nota-se a insatisfação dos eleitores desta região em relação ao papel das instituições representativas. Segundo o Informe do Latino Barômetro, de 2008, em média, 44% das pessoas concordam que pode haver democracia sem partidos; 70% consideram que os partidos estão fazendo um trabalho mau ou muito mau e 79% têm pouca ou nenhuma confiança nos partidos; além da metade afirmar não votar considerando o partido político do candidato.

Em um clássico estudo sobre o comportamento eleitoral em cidades brasileiras Reis (1978) trata do problema entre a ideologia, a identificação partidária e a adesão a grandes temas políticos. Da análise de correlação dos dados trabalhados, Reis sugere que as identificações partidárias se estabelecem a partir de simpatias e tendem a ser originada por imagens difusas, reiterando a chamada “Síndrome do Flamengo”, no qual a percepção da posição do partido diante de um problema específico é insuficientemente capaz de se traduzir ideologicamente. André Singer (2000) procurou demonstrar a importância da ideologia para a decisão de voto, ao realizar um estudo da teoria e análises da posição ideológica do eleitor e argumentou que esse posicionamento baliza o eleitor na hora da decisão do voto para presidente e tem se mostrado estável ao longo do tempo. Contudo, Singer trata ideologia diferentemente do conceito dado tradicionalmente por posições quanto a grandes questões políticas. O autor utiliza a escala linear como indicador de posicionamento de direita e esquerda a partir da combinação entre o voto por imagem (Sartori, 1982) e o sentimento ideológico (Levitin e Miller, 1979).

Após suas polêmicas conclusões, o debate sobre o tema foi reacendido, no sentido de verificar a capacidade preditora desta variável sobre o voto (Almeida, 2001; Carreirão 2002, 2007; 2008). Em que pesem as divergências, muitos estudos concordam quanto ao baixo grau de informação e ao caráter pouco estruturado e difuso, das opiniões políticas da maioria dos eleitores e, em segundo lugar, com o fato de a decisão de voto estar

“fortemente estruturada pelas ‘imagens políticas’ e avaliações que o eleitor faz de algumas características pessoais dos candidatos em disputa” (Borba, 2005: 161).

Mas, mantém-se presente que o conceito de ideologia é fundamental para a compreensão da escolha política. Uma variável comumente usada para captar efeitos ideológicos tem sido dada pela auto-localização do eleitor numa escala que varia entre a extrema esquerda e a extrema direita. Contudo, não está demonstrado se essas posições são compreendidas pelos votantes de acordo com a mesma aceção atribuída pela Ciência Política, que confere aos conceitos de esquerda e de direita posições antagônicas em relação a temas econômicos e políticos.

Embora para a análise do comportamento eleitoral em países com democracia consolidada a escala de esquerda-direita possa ser utilizada com algum êxito como preditor de ideologia, o arcabouço político-institucional brasileiro se encontra ainda distante destas democracias. O sistema político brasileiro ainda não foi capaz de produzir diferenciações ideológicas substantivas entre os partidos, condição preliminar para que as escolhas eleitorais possam ser balizadas por critérios igualmente ideológicos. Seguindo o padrão do comportamento dos partidos, em geral pragmático, o raciocínio do eleitor para se localizar neste contínuo acaba por ser vinculado à sua percepção acerca do espaço ocupado pelos partidos no jogo político, seja como partido de ‘situação’ ou de ‘oposição’.

O argumento central é a de que os eleitores distribuem os partidos nesta escala, sobretudo a partir dos critérios de oposição e situação. A direita representa a situação; a esquerda, a oposição. O resultado desta repartição é a de que o julgamento das ações governamentais condiciona o auto-posicionamento do eleitor em um dos pontos da escala¹. Em outros termos, na medida em que o governo se encontra calibrado positivamente pelo eleitor, maiores as chances deste eleitor vir a se posicionar à direita e, em circunstância contrária, à esquerda. Tal conexão também poderá ser encontrada no modo como o eleitorado aloca os partidos e seus respectivos candidatos nesta linha graduada. O auto-posicionamento depende do quão o indivíduo se encontra satisfeito com o partido/mandatário no poder. Conseqüentemente, a disposição do eleitor nesta escala pode funcionar como síntese de avaliações das políticas dos partidos nos governos e no parlamento, e o conteúdo desta escala é mais conjuntural que estrutural. Deste modo, a auto-localização é passível de ser

¹ As avaliações podem ser realizadas pelas imagens, por políticas efetivas ou mesmo por contemplarem ganhos para o indivíduo ou o seu grupo. Neste sentido, de fato a ideologia pode funcionar como filtro para a avaliação.

alterada concomitantemente às mudanças nas circunstâncias político-econômicas, pois estas produzem novos resultados, modificando as avaliações sobre os atores que são os responsáveis pela formulação e implementação das políticas.

Todavia, a ressalva quanto ao uso pródigo desta escala como indicador de ideologia não significa alegar que o eleitor decide seu voto desconsiderando qualquer sistema de idéias. Nossa conjectura é a de que o uso exclusivo desta escala se configura como instrumento insuficiente para aferir posicionamento ideológico. Em função da ambigüidade com que os partidos foram estruturados e da omissão de enunciados marcadamente ideológicos durante as disputas eleitorais, os termos direita e esquerda, no Brasil, possuem múltiplos significados para os eleitores, mesmo para aqueles estabelecidos em posições de maior centralidade, com muitos anos de estudo e com renda superior, perfil este minoritário no eleitorado brasileiro.

Ademais, para a interpretação dos significados atribuídos pelo eleitor comum aos termos esquerda e direita, deve-se considerar o conjunto em que tais idéias estão sendo construídas. A alternância das elites políticas no governo federal – com o rodízio entre o PSDB e o PT – produziu antes indistinção que uniformidade conceitual. A vitória do PT e sua conseqüente competência como gestor do governo federal, tornaram estes códigos ainda menos precisos. Isso ocorreu tanto porque algumas políticas macroeconômicas permaneceram durante os governos destes partidos, quanto porque até o ano de 2002 a principal referência de oposição estava bastante associada ao PT. Ao governar o país, o PT passa a ser o partido da situação, que é o teor mais frequentemente atribuído à direita.

A alteração das forças que controlam o governo não correspondeu à renovação no conceito de esquerda e direita. Na percepção do eleitor, ‘ser de esquerda’ ou ‘ser de direita’ se manteve como similar à encontrada nos anos do regime autoritário. Naquele período, o governo militar era identificado como de direita, reforçando a associação entre de um lado política de direita e governo/situação; de outro, as forças de esquerda atuavam como opositoras. Muitas destas organizações agiam fora da ordem institucional estabelecida e esta escolha estratégica permitiu que ao significado de esquerda fossem conferidos outros sentidos, tais como o de grupo político que age ‘fora da ordem’. Esta coincidência histórica entre a direita no governo e a esquerda na oposição foi reforçada na primeira eleição pós-redemocratização, quando um candidato identificado com a direita foi alçado à presidência do país.

Quando o governo federal passa a ser controlado pelo PT - ideologicamente mais próximo às concepções de esquerda-, este partido passa a ocupar o lugar destinado à situação e, portanto, passa a ser alocado ao lado direito da escala. A mudança de posicionamentos dos partidos não produziu variações conceituais profundas, tanto porque os termos já se encontravam bastante arraigados no eleitorado, exposto ao regime autoritário, quanto porque o significado intrínseco das palavras é de longa duração.

Analisar o sentido e o posicionamento do eleitor nesta escala no plano das eleições municipais é tarefa das mais complexas. Como se sabe, o sistema eleitoral brasileiro é ainda mais intrincado do que outros sistemas latino-americanos, de democracia também recente. As regras que balizam as disputas no Brasil permitem que os partidos realizem coligações no plano das eleições municipais sem uma consequente coalizão para as nacionais. Partidos da base governista, aliados em votações realizadas no Congresso Nacional, muitas vezes são ferozes adversários nas disputas para prefeitos. Aliados à 'situação' no plano federal, os mesmos partidos podem se alinhar com a oposição, no plano municipal. No interior desta emaranhada rede de relações políticas é que se insere a discussão que será levada a cabo por este artigo.

Diante de toda essa complexidade, esse artigo procurará analisar a partir de dados empíricos, como ocorre a definição de direita e esquerda no espectro ideológico e identificar qual é a lógica que os eleitores utilizam para alocar partidos e candidatos nessa escala. Tem-se o objetivo de identificar padrões de desvios e similitudes entre grupos de eleitores de esquerda e de direita e analisar a lógica que orienta o eleitor na distribuição de candidatos e partidos nessa escala. A hipótese é a de que, ainda que a ideologia possa ser definidora do voto para parte do eleitorado, a escala esquerda-direita é insuficiente para indicar posicionamento ideológico, sobretudo devido à flexibilidade programática dos partidos políticos.

II. O POSICIONAMENTO DOS ELEITORES NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE BELO HORIZONTE

Conforme tratado por Telles, Lourenço e Storni (2009), em 2008, a cidade de Belo Horizonte, governada pelo prefeito Fernando Pimentel (PT), passou por uma eleição atípica em sua história política. O empenho de grupos petistas locais na construção de uma aliança formal entre o PSDB e o PT, o elevado número de indecisos, as significativas mudanças observadas nas preferências dos eleitores durante todo o processo eleitoral deram a esta eleição um caráter bastante complexo.

As eleições permitiram que a aliança entre PSB e PT, persistisse no governo da cidade. A chapa liderada por Márcio Lacerda (PSB) conseguiu vencer no segundo turno, com 59,1% dos votos, derrotando o deputado federal Leonardo Quintão, do PMDB. Tal resultado apenas confirmou uma situação que se colocou desde 1992 quando, pela primeira vez, um partido de grupo de esquerda, o PT, administrou a capital mineira. O que se seguiu após a primeira administração petista foi o rodízio na administração, com outro partido também de esquerda: o PSB. Por isso, o candidato Lacerda contava com muitas restrições por parte da direção nacional do PT, sendo a principal delas o fato de ter ativa participação como secretário estadual na gestão de Aécio Neves, governador de Minas pelo PSDB.

A oposição explícita na disputa municipal foi representada no primeiro turno por Jô Moraes, candidata pelo PC do B. Lacerda pretendia representar a situação, mas o papel de opositor neste jogo não foi aceito por Leonardo Quintão, candidato pelo PMDB. Este rejeitou o atributo de opositor, apresentando-se como o melhor nome para continuar o modelo de gestão política do município. A disputa se caracterizou pela ausência dos partidos políticos na campanha, pela inexperiência dos concorrentes em cargos executivos e pela ausência de um claro candidato opositor, no segundo turno.

Tal conduta dos partidos atuou no sentido de obscurecer as ideologias e as posições de situação e oposição. Examinaremos os eleitores auto-posicionados no contínuo da escala esquerda-direita, a fim de observarmos se tal auto-localização produz conceitos ideológicos de esquerda e direita, conforme esperado pela literatura. Apresentaremos a intenção de voto e, a seguir iremos tipificar tais eleitores de acordo com escolaridade, presente no modelo psicológico; classe social, retirado do modelo sociológico; inclinação partidária, a adesão a temas da política; a confiança nas instituições e a avaliação dos governos. A expectativa é a de que os eleitores de um mesmo ponto da escala possuam comportamentos homogêneos em relação a cada um destas variáveis, ainda que não seja exigida a coerência entre tais blocos de variáveis.

Além de análise descritiva, serão realizadas análises multivariadas. Os dados a serem analisados foram coletados através de dois *surveys* realizados no primeiro e segundo turno das eleições municipais de Belo Horizonte (MG) de 2008. O primeiro *survey* amostrou 800 eleitores com mais de 16 anos e foi realizado entre os dias 23 e 27 de setembro de 2008; outro foi feito no segundo turno, com 800 eleitores, maiores de 16 anos, entre 19 a 22 de outubro de 2008.

II.1. A ESCALA ESQUERDA-DIREITA

Em grupos focais realizados antes do início da campanha eleitoral com eleitores selecionados por identidade com o PT e sem preferência partidária, podem ser observados distintos conteúdos para os termos direita e esquerda. Não se encontrou um significado similar e consistente nos grupos, mesmo com o controle de escolaridade e identidade partidária (Telles, 2008). Com pouca convicção, e mesmo declarando dificuldade em tratar do tema, os participantes apresentaram suas interpretações sobre esquerda e direita, resumidos no quadro a seguir:

Quadro 1: Escala de Direita e Esquerda

	Eleitores de Baixa Escolaridade		Eleitores de Alta Escolaridade	
Escala	Característica	Partidos denominados	Característica	Partidos denominados
Ser de Esquerda é...	ser oposição ao governo	PC do B PT PTB PV PDT PSOL	ser oposição ao governo	PC do B PT PDT PSOL PSTU PSDB PL
	ser radical		apresentar alternativas	
	ser errado		discordar	
	não cumprir		ter filosofias	
	fazer greves		socialistas/comunistas	
	fazer o contrário daquilo que é certo		ter ações diferentes	
	governar para os pobres		buscar maior igualdade	
	interessado em resolver os problemas sociais		ter interesse em resolver os problemas sociais quem está no governo	
Ser de Direita é...	trabalhar em equipe, unidos.	PT PSDB PMDB PFL	ser conservador	PT PSDB PMDB DEM
	preocupar-se com a população		relacionar-se à burguesia /latifúndio/grande empresa	
	cumprir o combinado		ser governo	
	fazer as coisas corretamente		estar próximo à elite/ aos empresários	
	ser governo		ser liberal	
	transmitir confiança			
	ser algo que todo mundo que			

Fonte: Relatórios dos grupos focais - Telles (2008).

Pode-se notar que os conceitos de direita e esquerda não possuem significados articulados e, a maior parte do grupo desconhece o sentido exato dos termos apresentados. Aos partidos de direita são atribuídas ênfases nos aspectos de governo; o sentido de esquerda é usualmente associado à oposição. Igualmente, direita pode estar relacionada a uma prática correta e de acordo com as regras, ao passo que a esquerda apresenta uma conotação negativa. Mas, há alguns participantes que conceberam a esquerda como um governo voltado para os mais pobres, e, portanto mais preocupado com as questões sociais. Assim, de acordo com as concepções de oposição *vs.* governo e de governo popular *vs.* governo dos

ricos, o PT foi localizado tanto na direita (ser governo) quanto na esquerda (preocupações com os mais pobres).

“Sou pouco esclarecido, mas ser de esquerda é, por exemplo, não concordar com certas coisas que o pessoal que já está no poder faz, eles queriam fazer coisas diferentes.”

(GF1, Regional Leste, Eletricista, 42 anos)

“[Ser de esquerda é] quem quer realmente resolver os problemas. Os problemas sociais, do povo, que é um grande problema social, analfabetismo. Principalmente no Brasil”.

(GF2, Regional Pampulha, Desempregado, 27 anos)

“[Ser Direita é] quem faz e cumpre. Ele promete as coisas pra gente e cumpre. Então, nós ficamos confiando neles.”

(GF1, Regional Leste, Faxineira, 45 anos)

*“[Partidos de **direita** são] PSDB, PMDB, PFL. O PT tá em cima do muro, mais pra direita, mas tá em cima do muro. Antes dele entrar [o PT] era um partido de oposição, mas quando ele entra lá ele não é oposição, é o governo, então passa a ser de direita”*

(GF2, Venda Nova, Segurança de banco, 27 anos)

Nota-se, sobretudo, que a noção de alguns eleitores de ser de Esquerda ou Direita é uma posição relativa ao exercício do governo. Assim, o PT, enquanto era oposição, era esquerda. Agora que é situação transformou-se em partido de direita. Muitos afirmam que a posição esquerda/direita do político não tem importância, porque simplesmente eles não têm noção do seu significado.

“[O candidato ser de Direita ou Esquerda não faz diferença] porque pra mim até hoje eu não consegui entender o que é um partido de esquerda ou de direita”.

(GF2, Regional Norte, Vendedor Ambulante, 39 anos)

Estes dados qualitativos nos permitem indagar acerca da validade desta escala como instrumento capaz de mensurar ideologia, no Brasil. Passaremos para a análise descritiva e bivariada das variáveis que foram selecionadas para serem comparadas com o auto-posicionamento do eleitor.

II.1. AUTO-LOCALIZAÇÃO E INTENÇÃO DE VOTO

Na tabela 1 apresentamos os resultados da auto-localização, na escala esquerda-direita, em Belo Horizonte.

Tab. 1. Auto-localização do eleitor na escala esquerda-direita, com média.

<i>Auto-Localização*</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Esquerda	113	14.1
Centro	400	50.0
Direita	201	25.1
NS/NR	86	10.8
Total	800	100
Escala (0-10)		
<i>Média</i>	5.4	
<i>Desvio-Padrão</i>	(0.09)	

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85, 1º turno). *Esquerda (0-3), Centro (4-6) e Direita (7-10). Obs.: A pergunta ao entrevistado foi formulada da seguinte forma: "Quando se fala em política às vezes usamos as expressões esquerda e direita. De zero a dez, onde 0 é ser totalmente de esquerda e dez é ser totalmente de direita, em qual posição o(a) Sr.(a) se colocaria?".

Nota-se que a maioria do eleitorado da capital se auto-localiza em algum ponto da escala (89%), ocupando antes o centro (50%), em seguida a direita (25%) e por último, a esquerda (14%). Observa-se ainda o reduzido número de eleitores que não souberam responder. Comparativamente aos *surveys* realizados nas presidenciais de 2002 e 2006, é elevado o total de respondentes que se soube se auto-posicionar nesta escala. O auto-posicionamento do eleitor destoa com a direção do seu voto, pois a cidade foi governada por coalizões de esquerda desde 1992. Isso significa que ainda que o eleitor tenha votado majoritariamente com partidos vinculados à esquerda, não se encontrou igual correspondência em sua auto-alocação.

Além disso, destaca-se que o prefeito eleito em 2008, Márcio Lacerda, também era vinculado a um partido de esquerda – PSB, mas realizou coligações com o centro e a direita (PSB- PT/PP/PR/PV/PMN/PTB/PSC/PSL/PTN/PTC/PRP).

Tab. 2. Eleitos e Segundos Colocados nas eleições para prefeito em Belo Horizonte, por partido (1992-2008).

Ano	1º colocado			2º colocado		
	Partido e candidato	Coligação	*PPD	Partido e candidato	Coligação	*PPD
1992	PT (Patrus Ananias)	PT/PSB/ PC do B PC/PV	Esquerda	PL (Maurício Campos)	PL/PFL/ PRP	Centro
1996	PSB (Célio de Castro)	Sem coligação	Esquerda	PSDB (Amilcar Vianna)	Sem coligação	Centro
2000	PSB (Célio de Castro)	PSB / PT PPS/ PC do B/ PCB/ PTN/ PSC/ PT do B/ PAN	Esquerda	PSDB (João Leite)	Sem coligação	Centro
2004	PT (Fernando Pimentel)	PT/PTB/ PSL/PTN PCB/PL/ PPS/PMN PRP/ PCdoB	Esquerda	PSB (João Leite)	PP/PMDB/ PSC/PSDC /PRTB/ PHS/PTC/ PSB/PV/ PSDB/ PTdoB	Esquerda
2008	PSB (Márcio Lacerda)	PT/PSB/ PTB/PP/PR /PV/PMN/ PSC/PSL/ PTN/PTC/ PRP	Esquerda	PMDB (Leonardo Quintão)	PHS/ PMDB	Centro

Fonte: Resultados obtidos a partir de do TRE-MG. *PPD = Posição do Cabeça de chapa (classificação segundo Telles (2007)).

Quando comparado com o posicionamento dos que possuíam intenção de votar em outros candidatos, verifica-se que o candidato Márcio Lacerda obteve significativamente mais declarações estimuladas de voto por parte dos eleitores auto-localizados à direita. A intenção de voto na candidata do PC do B, Jô Moraes, e a opção de votar em “nenhum dos candidatos” apresentaram relativamente o maior número dos localizados à esquerda, enquanto os alinhados com o candidato do PMDB, Quintão, e os que não sabiam em quem votar se auto-localizaram relativamente mais ao centro.

Tab. 3. Auto-localização do eleitor na escala esquerda-direita e intenção de voto para prefeito (%).

	Outros	Márcio Lacerda	Jô Moraes	Leonardo Quintão	Nenhum	Não Sabe	Total
<i>Auto-Localização</i>							
Esquerda	20.6	9.8	23.3	15.7	26.2	19.4	15.8
Centro	41.2	52.5	60.0	60.3	58.5	62.4	56.1
Direita	38.2	37.7	16.7	24.0	15.4	18.3	28.1
Total (n)	(34)	(305)	(90)	(121)	(65)	(93)	(708)
χ^2 de Pearson ² (10gl.) = 42.25 Sig(0.000)							

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85 e p8, 1º turno).

As verificações anteriores são corroboradas pela imagem dos candidatos diante do eleitorado (tabela 4). O concorrente governista, coligado com o Partido dos Trabalhadores é o mais citado como um representante da direita, seguido pelo candidato do PMDB, que durante sua campanha nunca se situou como oposição, mas como um continuísta. Tais dados nos fornecem indícios de inconsistência da variável auto-localização como indicador de conteúdos estritamente ideológicos.

Tab. 4. Imagem dos candidatos como de direita e esquerda (%).

Candidato	Partido	Partidos Coligados	É de esquerda	É de direita
Márcio Lacerda	PSB	PT/PP/PR/PV/PMN/PTB/PSC PSL/PTN/PTC/PRP	6.6	33.5
Leonardo Quintão	PMDB	PHS	6.4	11.9
Jô Moraes	PC do B	PRB	22.7	6.0
Sérgio Miranda	PDT	PCB	4.3	2.3
Gustavo Valadares	DEM		2.7	4.0
Vanessa Portugal	PSTU	PSOL	9.0	0.4
Pedro Paulo	PCO		3.3	0.3
Jorge Periquito	PRTB	PSDC	1.8	1.0
André Alves	PT do B		1.5	0.9
NS/Nenhum			41.7	39.9
Total (n)			(785)	(785)

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p40 e p44, 1º turno). Perguntas: Qual dos candidatos está mais relacionado com a frase "É um candidato de esquerda"; e a frase "É um candidato de direita".

² O Qui-quadrado de Pearson é um teste de associação entre produtos cruzados, ou seja, que pode ser usado para determinar a significância de diferenças entre dois grupos com relação à frequência relativa com que componentes dos grupos caem nas diversas categorias. Se as proporções entre as categorias forem iguais, não é caracterizada a interação e se elas diferirem, existe interação (SIEGEL e CASTELLAN Jr., 2006). A hipótese nula é de independência entre as variáveis e quando o teste para essa hipótese é rejeitado, as proporções entre as categorias são significativamente diferentes e podemos considerar uma interação entre as variáveis.

II.2. AUTO-LOCALIZAÇÃO DO ELEITOR, NÍVEL DE ESCOLARIDADE E CLASSE ECONÔMICA.

Quando analisamos a auto-localização e o nível de escolaridade dos entrevistados (tabela 5), não encontramos uma associação significativa entre essas variáveis. Contudo, ao analisarmos o grupo dos eleitores que não sabiam ou não responderam sobre a o posicionamento, descobrimos que o número destes diminui com o aumento da escolaridade (tabela 6).

Tab. 5. Auto-localização do eleitor e nível de escolaridade (%)

	<i>Até a 4a série</i>	<i>Até a 8a série</i>	<i>Ensino médio</i>	<i>Ensino superior</i>	<i>Total</i>
<i>Auto-Localização</i>					
Esquerda	23.0	15.8	15.2	13.9	15.9
Centro	47.3	59.7	57.6	53.0	56.0
Direita	29.7	24.5	27.2	33.1	28.2
Total (n)	(74)	(139)	(349)	(151)	(713)
(G)³ = 0.08 Sig (0.127)					

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85 e p5, 1º turno).

Tab. 6. Respostas “não sabe” e “não respondeu” sobre a auto-localização na escala esquerda-direita por nível de escolaridade.

	<i>Conjunto dos eleitores</i>	<i>Até a 4a série</i>	<i>Até a 8a série</i>	<i>Ensino médio</i>	<i>Ensino superior</i>
<i>Auto-Localização</i>					
NS/NR	11%	20%	14%	9%	6%
Base (n)	(800)	(93)	(161)	(385)	(160)

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85 e p5, 1º turno).

Apesar de não encontrarmos uma associação significativa da escolaridade com a escala, quando analisamos a relação da classe social (tabela 7), encontramos uma associação positiva, no sentido de que aqueles pertencentes às classes mais privilegiadas (A e B) têm mais probabilidade de estarem à direita da escala do que os pertencentes às classes C, D e E.

3 A correlação gama de Goodman e Kruskal (G) é uma medida de correlação não paramétrica apropriada para medir a relação entre duas variáveis em escala ordinal e que considera a direção da mudança em todos os pares de observações, medindo a monotonicidade. Essa estatística é especialmente útil quando os dados podem ser expressos em tabelas de contingência e quando existem muitos empates concordantes e discordantes entre pares de observações referentes às categorias ordenadas (SIEGEL e CASTELLAN Jr., 2006).

Tab. 7. Auto-localização do eleitor e classe social (%).

	A/B	C/D/E	Total
<i>Auto-Localização</i>			
Esquerda	14.25	17.54	15.83
Centro	53.49	58.77	56.02
Direita	32.26	23.68	28.15
Total (n)	(372)	(342)	(714)
(G) = 0.164 Sig(0.012)			

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85 e p109, 1º turno).

II. 3 - AUTO-LOCALIZAÇÃO DO ELEITOR E INCLINAÇÃO PARTIDÁRIA.

Numa primeira análise da associação de partidos e a escala de posicionamento esquerda-direita, revela-se que aqueles que possuem identidade partidária possuem mais probabilidade de ocuparem os extremos da escala (esquerda ou direita) do que aqueles que não possuem preferência partidária, mais concentrados no centro (tabela 8).

Tab. 8. Auto-localização do eleitor e ter inclinação partidária (%).

	Sim	Não	Total
<i>Auto-Localização</i>			
Esquerda	18.3	11.7	15.6
Centro	49.2	66.6	56.3
Direita	32.5	21.7	28.1
Total (n)	(415)	(290)	(705)
χ^2 de Pearson (2gl.) = 21.02 Sig(0.000)			

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85 e p86, 1º turno).

Na tabela seguinte, procurou-se agregar a identificação partidária por blocos ideológicos dos partidos que estavam em mais evidência na disputa eleitoral municipal de 2008. Pelos resultados, notamos que os partidos de centro eram os preferidos pela auto-localizados à direita, enquanto os identificados com os partidos do bloco de esquerda estão mais concentrados no centro e os 'demais partidos', apesar de agregarem eleitores concentrados no posicionamento de centro, possuíam o maior número relativo de auto-posicionados à esquerda.

Tab. 9. Auto-localização do eleitor e inclinação por partidos classificados por ideologia (%).

	Partidos de Esquerda*	Partidos de Centro**	Outros***	Total
<i>Auto-Localização</i>				
Esquerda	21.6	8.5	28.9	18.3
Centro	52.3	44.2	46.7	49.2
Direita	26.1	47.3	24.4	32.5
Total (n)	(241)	(129)	(45)	(415)
χ^2 de Pearson (6gl) = 24.64 Sig(0.000)				

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e IPESPE, (p86 e p85, 1º turno). *PT/PCdoB/PSB. **PMDB/PSDB. ***DEM/PDT/PTB/PL/PPS/PSOL/PRP/PV/PSTU/PHS/PSL/PCO/PC.

Quando desagregamos a identidade partidária e a relacionamos com a escala (tabela 10), é destacado o PSDB como o único partido que agregou o maior número de auto-localizados à direita. O Partido dos Trabalhadores possui um maior número de auto-localizados à direita do que à esquerda, fenômeno ainda mais destacado no caso dos identificados com o PMDB.

Em relação aos partidos menores -PCdoB e PV-, estes agregaram mais os auto-localizados à esquerda que direita. O PSB, apesar de ser um partido com pouca preferência na cidade, destaca-se na cena política municipal (ver tabela 2) e apresenta poucos eleitores identificados como de esquerda.

Tab. 10. Auto-localização do eleitor e partido de preferência (%).

	PMDB	PT	PSDB	PSB	PCDOB	PV	Total
<i>Auto-Localização</i>							
Esquerda	11.9	21.6	4.8	7.1	35.7	33.3	17.4
Centro	49.3	52.1	38.7	64.3	42.9	44.4	49.3
Direita	38.8	26.3	56.5	28.6	21.4	22.2	33.3
Total (n)	(67)	(213)	(62)	(14)	(14)	(9)	(379)
χ^2 de Pearson (10gl.) = 31.09 Sig(0.001)							

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85 e p86, 1º turno).

Imagem dos partidos

Quando os entrevistados foram solicitados a indicar o partido mais de direita e aquele mais de esquerda, uma alta porcentagem (41%), não soube responder ou indicou nenhum, valor significativamente maior que daqueles que não souberam se localizar na escala - 11%. Destaca-se ainda a citação dos partidos mais conhecidos, o que pode denotar a importância de analisarmos as duas variáveis de forma conjunta e não isolada. Na tabela 11, podemos ressaltar que, apesar de o PT ser o terceiro mais citado como mais de direita (9%), ele é lembrado duas vezes mais como o partido mais de esquerda (22%). O PC do B é proporcionalmente muito mais mencionado como de esquerda do que como de direita. Na percepção do eleitor o PMDB está na direita (19%), seguido pelo PSDB (16%) e o PSB percebido é citado mais como sendo de direita do que como sendo de esquerda.

Tab. 11. Imagem dos partidos de acordo com percepções de direita e esquerda (%).

	<i>É o mais de direita</i>	<i>É o mais de esquerda</i>
PT	9.2	22.3
PCdoB	2.7	14.8
PMDB	19.3	6.0
PSDB	15.8	5.7
DEM/PFL	5.0	2.5
PSB	4.3	2.7
PDT	1.9	2.4
Todos	0.5	1.0
PCO	-	0.4
PSTU	-	0.4
NS/Nenhum	41.3	41.8
Total (n)	(792)	(790)

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p31 e p30, 1º turno). Pergunta: Qual dos partidos está mais relacionado com a frase "É o mais de esquerda" e a frase "É o mais de direita".

Ao classificarmos a imagem dos partidos como mais de esquerda e mais de direita de acordo com a preferência pelo PT, PSDB e PMDB (tabela 12), encontram-se resultados curiosos: o PT é mais citado como mais de esquerda pelos peessedebistas e peemedebistas do que pelos próprios petistas, que chegam a citar o PT como mais de direita em 16% dos casos. Todos identificam o PC do B muito mais à esquerda do que à direita. Uma similaridade também é encontrada ao citarem o PMDB como mais à direita. No caso do PSDB, o partido é o mais citado como de direita pelos próprios peessedebistas, coerentemente com sua auto-localização mais à direita da escala, como visto anteriormente na tabela 10.

Tab. 12. Imagem dos partidos (mais de direita e mais de esquerda) controlado pela preferência partidária (%).

Partido	É o mais de Direita			É o mais de Esquerda		
	Preferência Partidária					
	Petistas	Peessedebistas	Peemedebistas	Petistas	Peessedebistas	Peemedebistas
PMDB	22.7	21.1	29.0	7.0	-	5.3
PT	15.7	6.1	9.2	22.7	35.9	36.7
PSDB	9.6	37.9	18.4	5.2	6.0	4.0
PFL/DEM	7.4	3.0	1.3	3.5	3.0	1.3
PC do B	2.2	4.6	4.0	15.7	20.9	16.0
Base	(229)	(66)	(76)	(229)	(67)	(75)

*Foram omitidos da tabelas as demais opções

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p86, p31 e p30, 1º turno).

II.4. AUTO-LOCALIZAÇÃO DO ELEITOR E AS AVALIAÇÕES DAS ADMINISTRAÇÕES DO PRESIDENTE, DO GOVERNADOR E DO PREFEITO.

Na tabela a seguir, procurou-se analisar as associações entre a avaliação dos diversos níveis de governo com a escala de auto-localização esquerda-direita. Primeiramente, podemos observar que as três administrações foram positivamente avaliadas (como boa ou ótima). De modo geral, os que avaliaram positivamente as administrações possuem uma porcentagem relativamente maior de cidadãos auto-localizados à direita, contudo a relação somente se mostrou significativa no contexto regional das administrações do governador e do prefeito (expresso pelas estatísticas *gama*).

Tab. 13. Auto-localização do eleitor na escala esquerda-direita e avaliação das administrações do presidente Lula, do governador Aécio Neves e do prefeito Fernando Pimentel (%).

Auto-Localização	Avaliação do Governo LULA (PT)				Avaliação do Governo AÉCIO (PSDB)				Avaliação do Governo PIMENTEL (PT)			
	Neg.	Regular	Pos.	Total	Neg.	Regular	Pos.	Total	Neg.	Regular	Pos.	Total
Esquerda	17.9	17.5	14.98	15.9	33.3	26.9	13.1	15.9	33.3	18.3	14.1	15.8
Centro	58.2	56.1	55.49	55.9	51.5	50.5	57.0	55.9	48.5	59.5	55.6	56.0
Direita	23.9	26.3	29.54	28.2	15.2	22.6	29.9	28.2	18.2	22.2	30.3	28.3
Total	(67)	(171)	(474)	(712)	(33)	(93)	(586)	(712)	(33)	(126)	(552)	(711)
	(G) =0.085 Sig(0.19)				(G) =0.303 Sig(0.000)				(G) =0.217 Sig(0.005)			

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85, p47, p48 e p49, 1º turno). As opções foram recategorizadas da seguinte forma: Negativa = Péssima/Ruim; Regular; Positiva = Boa/Ótima.

A próxima tabela procura resumir algumas informações básicas sobre a distribuição do eleitor belo-horizontino na escala de auto-localização esquerda-direita no ano de 2008 em relação à escolaridade, classe social, inclinação partidária e avaliação das administrações dos governantes regionais. Verifica-se que a maioria dos eleitores possui ensino médio, sem significativa distinção quanto aos níveis de escolaridade. No referente à classe social, temos os auto-localizados à direita pertencendo em sua maioria às classes A e B enquanto os localizados à esquerda e ao centro estão mais distribuídos entre as duas categorias de classe. Os que possuem identidade partidária, como visto anteriormente na tabela 8, estão mais concentrados nos extremos da escala do que os que não possuem identidade. As avaliações das administrações tendem a serem relativamente mais positivas entre os auto-localizados à direita da escala.

Tab. 14. Perfil dos eleitores de acordo com a auto-localização na escala esquerda-direita em Belo Horizonte (2008).

	Escolaridade	Classe Social	Possui Identidade Com partidos	Partido preferido	Avaliação do administração municipal (PT)	Avaliação da Administração estadual (PSDB)
<i>Auto-Localização</i>						
Esquerda	Ensino Médio (47%)	C/D/E (53%)	Sim (69%)	PT (42%)	Posit. (70%)	Posit. (68%)
Centro	Ensino Médio (50%)	C/D/E (50%)	Sim (51%)	PT (28%)	Posit. (77%)	Posit. (84%)
Direita	Ensino Médio (47%)	A/B (60%)	Sim (68%)	PT (28%)	Posit. (83%)	Posit. (87%)

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85, p5, p109, p86, p49 e p48, 1º turno).

II.5. AUTO-LOCALIZAÇÃO DO ELEITOR E CONTEÚDOS IDEOLÓGICOS DE REPRESENTAÇÃO E VALORES.

Na tabela 15 foram estabelecidos os valores da correlação gama referente à associação entre a localização à esquerda, ao centro e à direita com variáveis referentes a conteúdos de representação política, além de uma pergunta sobre o aborto. Essas variáveis de conteúdo estrutural, em que esperava-se uma relação estreita com posições ideológicas de esquerda e direita, em oposição a opiniões conjunturais, obtiveram uma baixa correlação com a variável de auto-localização, obtendo alguma significância somente as três primeiras variáveis, mas, ainda assim, numa forma moderada. Curiosamente, os sentidos das associações são diferentes dos resultados esperados, ou seja, com uma direita mais conservadora e uma esquerda mais ligada à maior democracia e igualdade das instituições representativas. Verifica-se que tende a se localizar mais à direita aqueles que concordam mais com o poder do voto no governo eleito, os que consideram que formas mais amplas de decisão política devem ser criadas e os que crêem mais na lisura das eleições.

Tab. 15. Correlação Gama entre Variáveis de Graus de Concordância com Frases sobre Representação e Valores e a Auto-localização dos eleitores (esquerda, centro e direita).

Através do voto, a gente pode influir no que fará o governo eleito.	0.17**	714
Formas de decisão política	0.16*	712
De modo geral, as eleições no Brasil são feitas de maneira limpa, sem fraudes, e têm resultados confiáveis.	0.11*	714
Sem partidos políticos, não pode haver democracia.	0.056	710
A mulher grávida tem o direito de decidir sobre fazer ou não fazer aborto	0.031	709
Graus de significância da correlação gama * $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$		

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85, p73, p72, p75, p76, p105 e p77, 1º turno). Obs.: todas as variáveis, exceto a segunda, possuem quatro categorias: 1-discorda totalmente; 2-discorda em parte; 3-concorda em parte; 4-concorda totalmente. A variável de "formas de decisão" possui a seguinte categorização: 1-As decisões políticas devem ser tomadas exclusivamente pelos representantes políticos (vereadores, prefeitos, deputados e presidente da República); 2- Depende da questão a decidir; 3- Deveriam ser criadas outras formas para que o povo participe mais diretamente das decisões políticas.

II.6. AUTO-LOCALIZAÇÃO DO ELEITOR E CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES.

Na análise seguinte, relaciona-se a escala de auto-localização do eleitor com variáveis de confiança em diversas instituições, com correlações de *Pearson* para medir o grau de associação linear. De modo geral, temos que quanto maior o grau de confiança nas entidades indicadas, maior é a probabilidade de o indivíduo se auto-localizar à direita. Verifica-se que as correlações mais significativas foram aquelas que envolviam as instituições políticas de Partidos e da Câmara dos Deputados.

Tab. 16. Correlação de *Pearson* entre Grau de Confiança em Instituições (0 a 10) e Auto-localização (esquerda, centro, direita)

Confiança nos Partidos Políticos	0.20***	712
Confiança na Câmara dos Deputados	0.20***	709
Confiança na Igreja	0.16**	707
Confiança na Televisão	0.12*	712
Confiança nas ONG's	0.12*	697
Confiança nas Empresas Privadas	0.11	698
Confiança na Imprensa	0.08	711

Asteriscos indicam p-valores com correção de Sidak para testes múltiplos:

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Fonte: Pesquisa "A decisão de voto em eleições municipais", realizada pelo DCP/ UFMG e Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), (p85, p94, p95, p100, p97, p98, p99 e p96, 1º turno).

II.7. ÍNDICE DE AVALIAÇÃO E ÍNDICE DE CONFIANÇA

A partir das associações encontradas e das perspectivas teóricas apresentadas, procura-se, nessa seção, construir índices para que possamos fazer uma análise multivariada e visualizá-la graficamente. Foram escolhidas quatro variáveis que se associam mais significativamente com o posicionamento na escala esquerda-direita: confiança nos partidos políticos, confiança na Câmara dos Deputados, avaliação da administração do governador Aécio

Neves (PSDB) e avaliação da administração do prefeito Fernando Pimentel (PT). Para a construção dos índices será usado o método de Componentes Principais.

A Análise de Componentes Principais é uma técnica útil para a redução e classificação de dados. Reduz-se a dimensionalidade de um banco de dados de uma amostra a um número menor de índices (componentes principais), que são combinações lineares das variáveis utilizadas, encontrando um novo conjunto de variáveis, menor do que o conjunto original, perdendo-se no processo um mínimo de informação. As variáveis precisam ser correlacionadas no início do processo e não é necessário fazer suposições iniciais a respeito da distribuição de probabilidade das variáveis originais.

As novas variáveis, chamadas de componentes principais, são ortogonais e ordenadas pela parcela da variabilidade total. A primeira componente principal é aquela que explica a maior variabilidade global das variáveis e, assim, sucessivamente. Elas são formadas a partir dos autovalores e autovetores associados à matriz de correlação. Do autovalor extrai-se a variância do respectivo componente principal, enquanto os elementos do autovetor fornecem os coeficientes para se obter os componentes principais (MINGOTI, 2007).

No quadro a seguir, são apresentados os componentes principais gerados a partir das variáveis que se relacionam e se associam com a variável de auto-localização. Pela tabela notamos que podemos reduzir as quatro variáveis analisadas em dois componentes principais. O primeiro componente contém as variáveis de confiança nas instituições políticas (Partidos Políticos e Câmara dos Deputados) enquanto a segunda contém as variáveis de avaliação dos governos de contexto regional (avaliações das administrações do governador e do prefeito).

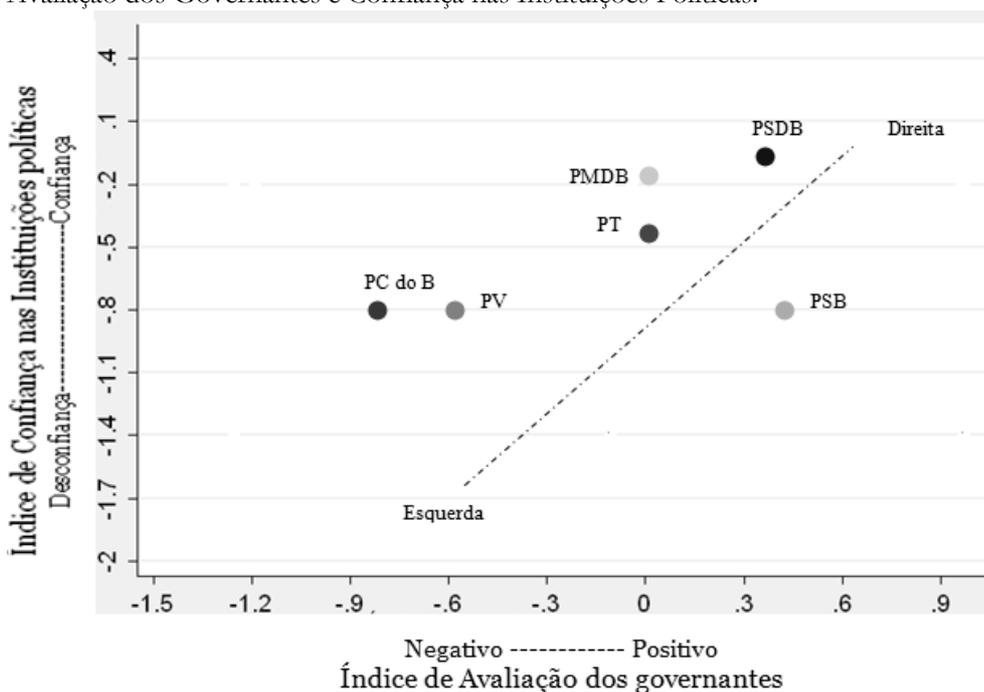
Quadro 2. Matriz de autovetores ou participação relativa de indicadores para a análise de componentes principais (1º turno).

	<i>Componentes</i>			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Grau de confiança nos Partidos Políticos	0.6101	-0.3524	0.0039	-0.7097
Grau de confiança na Câmara dos Deputados	0.5998	-0.3782	0.0451	0.7073
Avaliação do Governo AÉCIO (PSDB)	0.3481	0.6236	0.6999	-0.0065
Avaliação do Governo PIMENTEL (PT)	0.3832	0.5865	-0.7128	0.0343
Variância Explicada	47%	33%	13%	7%
Auto-valores	1.9	1.3	0.5	0.3

A partir das componentes foram criados dois índices, ambos calculados a partir da soma das variáveis de maior peso em cada componente. A soma é realizada após as variáveis serem padronizadas de forma a terem média igual a zero e desvio-padrão igual a um. Abaixo, podemos visualizar o gráfico gerado a partir do índice de avaliação do governo e do índice de confiança nas instituições políticas. A partir dos eixos formados por esses índices, é traçada a reta esperada de auto-localização dos eleitores e, ainda, são plotados a localização média dos partidos políticos de acordo com a identidade partidária⁴.

⁴ Os valores são obtidos pela obtenção da média de cada índice entre os que possuem identidade com o partido analisado.

Gráfico 1. Espaço da Auto-Localização e da Identidade Partidária segundo índices de Avaliação dos Governantes e Confiança nas Instituições Políticas.



No gráfico, podemos notar que o PSDB foi o partido que mais se aproximou da direita, de acordo com a confiança nas instituições políticas e na avaliação dos governantes. O PT e o PMDB ocuparam um espaço mais central. O PC do B e o PV se aproximaram mais da esquerda. O PSB teve um comportamento mais errático, avaliando bem as administrações dos governantes ao passo que apresenta maior desconfiança com relação às instituições políticas.

II.8. VALORES PRÓ-DEMOCRÁTICOS E INCENTIVOS AO CAPITALISMO.

Nesta seção, são construídos índices com base em variáveis referentes a questões democráticas e de cunha capitalista, temas freqüentemente abordados pela literatura como referências ideológicas. As variáveis instrumentalizadas estão apresentadas no quadro 2 e não foram analisadas diretamente com a escala de auto-localização por estarem presentes somente no segundo turno da pesquisa realizada em Belo Horizonte, em que não havia a variável de auto-posicionamento no questionário. Contudo procurou-se utilizar os índices de forma a localizarmos o espaço de identificação partidária.

No quadro 2, são destacados os dois principais componentes gerados pelas variáveis, com o primeiro componente reunindo as seis primeiras variáveis, ligadas a valores democráticos, enquanto na segundo componente puderam ser reunidas as variáveis ligadas relacionadas à

reforma agrária e ao MST. Os índices foram criados a partir das variáveis mais destacadas de cada componente, que foram somadas depois de serem padronizadas de forma a terem média igual a zero e desvio-padrão igual a um.

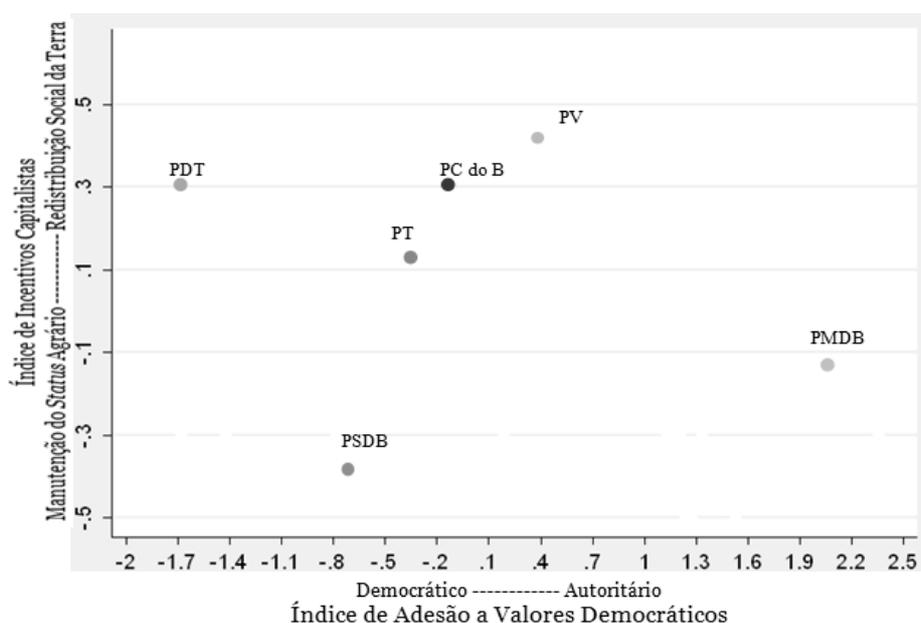
Quadro 3. Matriz de autovetores ou participação relativa de indicadores para a análise de componentes principais (2º turno).

	<i>Componentes Principais (2)</i>	
	(1)	(2)
É a favor ou contra...*		
...que o Presidente possa proibir greves	0.3788	0.0399
...que o Presidente possa intervir nos sindicatos	0.4226	0.1732
...que o Presidente possa proibir a existência de algum partido	0.4446	0.1168
...que o Presidente possa censurar jornais, rádios e TV	0.3830	0.2885
...que o Presidente possa fechar o Congresso Nacional	0.3930	-0.1144
...que o Presidente possa acabar com as eleições	0.3885	-0.1342
...o Movimento dos Sem-Terra	-0.1304	0.6700
...a Reforma agrária	-0.1059	0.6257
Variância Explicada	32%	17%
Auto-valores	2.5	1.4

* Alternativas: 1 – totalmente contra; 2 – contra em parte; 3 – A favor em parte; 4 – Totalmente a favor.

A partir das duas componentes geradas criou-se um índice de adesão aos valores democráticos, indicando uma gradação que varia entre um extremo autoritário e outro democrático, e um índice de incentivos capitalistas, numa gradação entre manutenção do *status* agrário e redistribuição social da terra. Através dos eixos criados a partir destes índices foram plotados, a partir da média entre aqueles que tinham inclinação por determinado partido, sua correspondente localização no espaço criado, demonstrado no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Espaço dos partidos políticos segundo índices de incentivos capitalistas e adesão a valores democráticos.



Através do gráfico, verifica-se o PMDB ocupando o espaço de maior autoritarismo, ao mesmo tempo em que localiza-se como contrário a mudanças na distribuição da terra. PT, PC do B, PDT e PV se mostraram os mais a favor das transformações no que tange aos movimentos no campo. O PSDB ficou localizado entre os mais democráticos, mas que se coloca contra às mudanças no campo.

CONCLUSÃO

Aceita-se a hipótese inicial, retirada do exame de grupos focais, de que a variável de “auto-localização na escala esquerda-direita”, *per si*, não foi um preditor de atitudes alinhadas com a esquerda e a direita. Na capital mineira, o sentido do auto-posicionamento se mostrou mais vinculado à avaliação do governo e das instituições representativas. Assim, a variável de auto-localização, que aparece mais associada com a noção de **situação e oposição**, tanto em grupos de alta quanto de baixa escolaridade, poderia causar um embaraço quando a esquerda chegasse no poder.

O julgamento das ações governamentais condiciona o auto-posicionamento do eleitor em um dos pontos da escala. Na medida em que o governo se encontra calibrado positivamente pelo eleitor, maiores as chances deste eleitor vir a se posicionar à direita e, em circunstância contrária, à esquerda.

Para investigar posicionamentos ideológicos entre as opções partidárias dos eleitores, utilizamos índices que agregavam perguntas referentes a questões econômicas ligadas a reformas no campo (incentivos capitalistas) e questões políticas ligadas formas de governar (valores democráticos).

Quanto ao Índice de Incentivos Capitalistas, os identificados com o PT se mostraram mais próximo aos eleitores dos outros partidos mais à esquerda (PDT, PCdoB e PV), aceitando mais a reforma agrária e o MST; os *tucanos* estariam entre os que mais aderem à manutenção do *status quo* (propriedade). No tocante à Adesão aos Valores Democráticos, os identificados com o PMDB se revelaram, isoladamente, com os posicionamentos mais autoritários e o grupo de eleitores tucanos mais democráticos que os petistas.

Tais achados podem não estar localizados apenas na capital do Estado de Minas Gerais. Considerando-se a origem histórica ao qual foi atribuído o conceito de direita e esquerda no Brasil, as descobertas revelam o quão este indicador de ideologia possui inconsistências para ser o exclusivo preditor de comportamento ideológico. Portanto, outros esforços

teóricos e metodológicos deveriam ser incorporados, para aprofundar a discussão sobre a variável ideologia na opinião pública e na decisão de voto, também na América Latina.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alberto. Ideologia e comportamento eleitoral: evidências de que a ideologia não é importante para explicar o voto. *Paper apresentado ao XXV Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, 2001

BONE, Hugh e RANNEY, Austin. *A Política e o eleitor*. Rio de Janeiro: Presença, 1966.

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos sobre o caso brasileiro. *Opinião Pública*, Campinas, v. 11, n.1, p. 147-168, 2005.

CARREIRÃO, Yan. Identificação ideológica e voto para presidente. *Opinião Pública*, n. 8, p.54-79, 2002.

_____. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. *Opinião Pública*, vol. 13, n. 2, p.307-339, (Novembro) 2007.

_____. Opiniões políticas e sentimentos partidários dos eleitores brasileiros. *Opinião Pública*, vol. 14, n. 2, p.319-351, (Novembro) 2008.

CONVERSE, Philip. The nature of belief systems in mass publics. In *Ideology and Discontent*. Ed. David Apter, 1964.

DALTON, Russell. The Decline of Party Identification. In DALTON, Russell e WATTENBERG, Martin, *Parties without Partisans: Political Change in Advanced Industrial Democracies*. Oxford: Oxford University Press. p.19-36, 2000.

DALTON, Russell, MCALLISTER, Ian e WATTENBERG, Martin. The Consequences of Partisan Dealignment. In DALTON, Russell e WATTENBERG, Martin, *Parties without Partisans: Political Change in Advanced Industrial Democracies*. Oxford: Oxford University Press. p.37-63, 2000.

DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: EDUSP, 1998, (originalmente publicado: 1957.).

LAZARSFELD, Paul, BERELSON, Bernard, and GAUDET Hazel. *The People's Choice*. New York: Columbia University Press, 1948.

LEVITIN, Teresa & MILLER, Warren. Ideological interpretations of presidential elections. *The American Political Science Review*, vol.73, n. 3, 1979

LIPSET, Seymour M. *O homem político*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MAINWARING, Scott. *Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

MORENO, Alejandro. *El votante mexicano*. Democracia, actitudes políticas y conducta electoral. Fondo de Cultura Económica, 2003

MINGOTTI, Sueli A. *Análise de Dados através de Métodos de Estatística Multivariada*: uma abordagem aplicada. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

REIS, Fábio W. et al. *Os Partidos e o Regime: A Lógica do Processo Eleitoral Brasileiro*. São Paulo: Ed. Helvética, 1978.

SARTORI, Giovanni. *Partidos e Sistemas Partidários*. Brasília, UnB, 1982.

SIEGEL, Sidney e CASTELLAN Jr., N. John. *Estatística Não-Paramétrica Para Ciências do Comportamento*. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SINGER, André. *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2000.

TELLES, Helcimara de S. Campanha e decisão de voto para prefeito: os eleitores petistas. *Paper apresentado ao XXXII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, 2008.

TELLES, Helcimara de S., STORNI, Tiago P. L. e LOURENÇO, Luiz C. Partidos, campanhas e voto: como o eleitor decide nas municipais. *Sociedade e Cultura*, v. 12, p. 91-116, 2009.

Base de Dados:

Pesquisa "A decisão de voto em eleições Municipais", realizada pela UFMG/IPESPE, Belo Horizonte, Setembro/Outubro de 2008..